

ALTERNÂNCIA E MISTURA DE LÍNGUAS (PORTUGUÊS-FRANCÊS) EM DISCURSOS
ESCRITOS DE ADOLESCENTES PORTUGUESES ESCOLARIZADOS EM FRANÇA *

MARIA HELENA DE ARAÚJO CARREIRA

(Universidade Paris VIII)

- * O presente trabalho constitui a versão portuguesa do texto que esteve na base da comunicação da A. ao 9º Congresso Mundial da Associação Internacional de Linguística Aplicada (AILA - 1990 Thessaloniki - Halkidiki (Grécia) - 15-21 de Abril de 1990). Pelo elevado número de comunicações, as Actas dos Congressos Mundiais da AILA incluem unicamente os resumos. (cf. Maria Helena Araújo Carreira "Alternance et Mélange de Langues (Portugais-Français) chez des adolescents portugais scolarisés en France", Vol.I, p.163)

O falante de duas línguas tem uma gama de possibilidades de expressão muito mais alargada do que o falante de uma só língua. Pode escolher exprimir-se numa língua ou noutra, mas pode também recorrer, no interior de um mesmo discurso, às duas línguas, segundo necessidades discursivas, ligadas a factores pragmáticos circundantes (cf. Cadiot, 1987; Dabène, 1987; Fishman, 1985; Grosjean, 1982; Gumperz, 1976, 1982). As duas línguas articulam-se, assim, no mesmo indivíduo, numa "competência dupla" (Lüdi, 1987, p. 1; cf. Gardner-Chloros, 1983). As estratégias mais correntes são a alternância de códigos e a mistura de códigos. Estes aspectos da competência bilingue serão abordados no presente texto através do estudo de discursos escritos, produzidos por adolescentes portugueses escolarizados em França. Os principais aspectos metodológicos serão aqui apresentados resumidamente (para mais ampla apresentação, cf. Carreira, 1989, 1990). O presente texto centrar-se-á nos resultados obtidos.

A situação linguística da maior parte das crianças e dos jovens ditos, impropriamente, de "segunda geração" caracteriza-se por uma "dupla primeira língua" ("langue première double") (Lüdi & Py, 1985, p. 41). Tiveram, com efeito, uma aprendizagem simultânea, desde o nascimento ou desde a primeira infância, da língua portuguesa (em França, com a família - muito em especial com os adultos - e, em Portugal, durante as férias) e da língua francesa (em França com a família - com outras crianças e com jovens -, na escola, e em diversas situações da vida quotidiana). A distinção entre língua materna ou primeira língua - o português - e língua segunda - o francês -, não se revela adequada neste contexto.

O português, falado no meio familiar migrante está matizado de marcas do sistema linguístico do francês. São variedades do português "misturado" que constituam, na maioria dos casos, o modelo linguístico em relação ao qual se desenvolve a aprendizagem do português, no seio da família migrante. No que diz respeito às variedades do francês falado, utilizadas sobretudo sob a pressão dos mais jovens, caracterizam-se essencialmente pela sua heterogeneidade e por alternâncias e misturas do código português. Como muito bem o diz Louise Dabène (1987), "On assiste le plus souvent à la constitution d'un parler vernaculaire intrafamilial, sorte de code mixte qualifié par les sujets de "mélange" de "panachage" et qui constitue en fait l'assemblage de variantes non-standard des deux idiomes en présence - bien que l'usage de la langue française soit prédominant dans la fratrie" (p.80).

A recolha de dados, sobre os quais incide o nosso estudo, realizou-se em meio escolar, junto de uma centena de alunos de "classes" de 5^o, 5^o, 4^o e 3^o de região parisiense.⁽¹⁾ Trata-se de respostas escritas a um questionário sobre a "história linguística" de cada aluno e de uma composição submetida ao tema "Recordações" ("Souvenirs"). As instruções, dadas em francês e precedidas de uma breve apresentação das finalidades do inquérito, pedia-lhes para se exprimirem livremente na língua, ou nas línguas, que entendessem ("Tu peux choisir d'écrire en portugais ou en français"; tu peux aussi écrire dans les deux langues, s'il y a des mots ou des expressions que tu préfères dire en portugais et d'autres en français, ou s'il y a des "choses" que

tu préfères raconter en français et d'autres en portugais."]. Foi sobre o conjunto destes textos (respostas aos questionários e às composições) que incidiu o estudo da alternância e de mistura de códigos, com a finalidade de destrinçar as regras linguísticas subjacentes e as funções discursivas das marcas transcódicas.

A breve exposição de resultados provenientes de uma análise quantitativa das frequências com as quais as duas línguas foram utilizadas nos textos, será seguida de uma apresentação pormenorizada dos diferentes resultados das análises qualitativas dos dados recolhidos, no que concerne a alternância e a mistura de códigos.

1. ALTERNÂNCIA E MISTURA DE CÓDIGOS

As marcas transcódicas num discurso "résultent de métaopérations sur plusieurs ensembles de règles, soit par simple juxtaposition, soit sous forme d'intégration plus ou moins complexe" (Lüdi, 1985, p.32).

Não esquecendo a dificuldade em opor nitidamente alternância ("juxtaposição") e mistura ("integração" maior ou menor) de códigos (cf. Hamers & Blanc, 1983; Lüdi & Py, 1985; Poplack, 1982, 1988), adoptámos contudo esta distinção como correspondendo a duas tendências maiores. O locutor bilingue que recorre às duas línguas de que é falante pode alternar - las no seu discurso sem quebrar as regras das línguas utilizadas, ou pode misturar elementos e regras das duas línguas em contacto (cf. Hamers & Blanc, 1983).

1.1. Resultados da análise quantitativa. Repartição segundo a língua escolhida.

Os textos recolhidos foram repartidos em cinco grupos que vão de discursos escritos numa só língua a discursos alternando as duas línguas sem que haja uma que domine, passando por discursos produzidos nas duas línguas com predomínio de uma ou da outra (ver quadro 1).

<p>Francês sem alternância 71.4%</p>	<p>Francês com alternância em português 9.2%</p>	<p>Alternância francês-português sem predomínio da língua 3.1%</p>
<p>Português sem alternância 5.1%</p>	<p>Português com alternância em francês 10.2%</p>	

Quadro 1. Repartição segundo a língua escolhida

1.1.1 Alternância de códigos

A maioria dos indivíduos (um pouco menos de 80%) escolheram exprimir-se numa

única língua : cerca de 70% em francês, 5% em português.

Os restantes 22% exprimiram-se alternando as duas línguas: ao lado de 3% de indivíduos que alternam as duas línguas sem que haja predomínio de uma ou de outra, há portanto 19% que se exprimem numa das duas línguas com alternâncias na outra língua: metade em francês e metade em português.

As proporções dos textos em que as línguas se encontram em alternância são semelhantes (9,2% e 10,2%), mas no interior destes dois grupos de textos, observam-se certas diferenças, das quais destacamos a seguinte: as alternâncias em português (nos textos cuja língua dominante é o francês) são mais numerosas do que as alternâncias em francês (nos textos cuja língua dominante é o português).

1.1.2 Mistura de códigos

É patente em cada um dos cinco grupos. Na totalidade do corpus, foram levantados, em 13 textos (produzidos por 13 locutores), casos de mistura de elementos ou de regras do português em enunciados em francês, enquanto os casos de misturas do francês em português se encontram em 59 textos (produzidos por 59 locutoras). As percentagens relativamente à totalidade das misturas são, por conseguinte, respectivamente de 18,1% e de 81,9% .

Notemos ainda que, no texto do mesmo locutor, se podem encontrar enunciados em português com misturas do francês e enunciados em francês com misturas do português.

1.1.3 Escolha de línguas : Tendências

As tendências que se esboçam no corpus analisado, e de que podemos fazer a hipótese que caracterizam as realizações linguísticas dos adolescentes portugueses escolarizados em França, são as seguintes:

- . A língua escolhida foi sobretudo o francês (82,1%).
 - Note-se que - As instruções foram dadas em francês.
 - A recolha dos dados realizou-se em meio escolar francês.
- . Um número relativamente elevado de locutores (22,4%) escolheu alternar as duas línguas.
- . As misturas produzem-se sobretudo em enunciados em português (81,9% do total das misturas) .

1.2. Resultados qualitativos da análise da alternância e da mistura de códigos.

Nesta segunda parte serão isoladas as regras que sustentam os contactos entre as duas línguas, bem como as funções discursivas desses contactos.

1.2.1. Alternância de códigos

Passamos a apresentar, consecutivamente, as alternâncias em francês no interior duma sequência em português e as alternâncias em português no interior duma sequência em francês.

Alternância em francês, no interior duma sequência de extensão variável em português

Distinguimos dois grupos de alternância : ⁽²⁾

- as lexias;

- as sequências (parte de enunciado, enunciado, sequência de enunciados).

Lexias ⁽³⁾

Após a apresentação de um certo número de exemplos de lexias francesas introduzidas em sequências em português, serão discutidas as regras e funções que governam essas alternâncias.

{ 1 } Este ano estudo português em langue vivante.

{ 2 } Eu faço um pouco do efforts e de même com a minha professora.

{ 3 } Agora estou en 5^e e já sei falar bien (francês).

{ 4 } Eu não aprendi o portugais en France.

{ 5 } (Em Portugal) quando brincávamos no recreio "au saute - mouton".

{ 6 } (o acidente do tio em Portugal) Esse momento foi muito terrible.

Regras. As lexias francesas introduzidas nos enunciados portugueses (cf. "transfert lexical", Lüdi, 1985, p. 38) seguem as mesmas regras de combinação que as lexias equivalentes em português, exceptuando o exemplo {2}. Neste exemplo a lexia "efforts" conduz à mistura "um pouco do" (que resulta dum calque de "un peu de" ao qual o locutor acrescenta o morfema de masculino -o-).

Apesar desta correspondência sintáctica, certas lexias em alternância são acompanhadas da sua sintaxe (ex. 3. "en 5^e"; ex. 4. "portugais en France"; ex. 5. "au saute-mouton"). Note-se também a presença de aspas - "au saute-mouton" -, expressão de uma consciência metalinguística da alternância (cf. "alternância balizada", Poplack, 1988).

Funções. As duas lexias, equivalentes em português e em francês, não parecem ser verdadeiramente equivalentes do ponto de vista do locutor bilingue. O locutor escolhe no seu repertório bilingue (cf. Gumperz, 1972 ⁽⁴⁾) a lexia que melhor se adapta à sua intencionalidade linguística (cf. Pottier, 1987).

Nos exemplos acima apresentados, os substantivos ⁽⁵⁾ designam, por um lado, um referente que tem uma ligação directa com a situação do adolescente em França (ex. 1, 2, 4) por outro lado, um referente situado em Portugal (ex. 5). Do mesmo modo, as lexias exprimindo uma avaliação (modalidade axiológica) aplicam-se a referentes situados quer em França (ex. 2 "de même"; ex. 3, "bien", quer em Portugal (ex. 6, "terrible").

Propomos a seguinte interpretação: as lexias francesas num discurso em português têm a função de designar situações vividas em França ou recordações, que o enunciador teve em França, de situações vividas em Portugal. Trata-se de uma função deíctica de localização espacial (em França), relativamente a uma vivência pessoal do locutor.

Sequências

(6) Vim para França ... e depois, je suis rentré au CM1 et j'ai commencé à apprendre des trucs sur la vie et je sais me démerder et agora estou.

(7) Sim, aprendi o português em França. Durante 5 ans dont 2 à l'enseignement élémentaire.

(8) ... uma das minhas tias que tinha tido il y avait presque 1 ano um garoto.

(9) Levantava-me sempre lá para as 11h... ia para baixo ou bien je m'occupais do meu primo

(10) Mon plus grand souvenir c'est quand eu estava em Portugal com a minha avó e os meus pais estavam em França quando me disseram quees vir para França ... ça évoque un grand moment de ma vie.

(11) Desconfiei logo que eram os meus pais quelle [joie] de les retrouver.

Regras. Estas sequências em francês, de extensão variável, introduzem-se de uma maneira fluida (cf. "alternance fluide", Poplack, 1988) no discurso em português, sem quebrar qualquer regra sintáctica (quer do francês, quer do português). Trata-se de alternâncias intrafrásticas e frásticas. [A maior parte das alternâncias levantadas no corpus são intrafrásticas]. Em todos estes exemplos, a semelhança das regras das duas línguas só pode facilitar a alternância (cf. Poplack, 1988).

Funções. A sequência mais extensa (ex. 6) corresponde à descrição da entrada do adolescente na escola francesa, após ter chegado a França, e aos efeitos que daí advêm. A sequência do ex. 7 aproxima-se da do ex. 6: trata-se de apresentar o número de anos de português seguidos na escola em França.

As alternâncias dos quatro exemplos que seguem (ex. 8, 9, 10, 11) opõem-se às duas primeiras sequências (ex. 6 e 7). Com efeito, reenviam a situações vividas em Portugal. As

sequências "il y avait presque"⁽⁸⁾ (ex. 8) e "ou bien je m'occupe" (ex. 9) ligam-se mesmo tempo que se separam- as duas partes do enunciado português em que se inserem. Parece-nos que a sua função é a de desdobrar os pontos de vista do enunciador (que se situa quer em Portugal, quer em França) e a de assim pôr em relevo as sequências de cada língua.

As alternâncias do ex. 10 têm dois papéis distintos : a primeira introduz uma narração pessoal feita em português (trata-se aliás do princípio do primeiro enunciado que prossegue em português), e última alternância apresenta a conclusão dessa narração. Em ambos os casos, há uma modalização avaliativa ("mon plus grand souvenir", "un grand moment de ma vie"). Por intermédio da alternância, o enunciador separa o plano da narração propriamente dita e o plano da apresentação e da apreciação global, final da narração. A alternância tem assim uma função "polifónica" no discurso (cf. Ducrot, 1984; cf. também Dabène & Billiez, 1986).

No que respeita a alternância em francês, no interior de uma sequência (de extensão variável) em português, as análises apresentadas conduzem às anotações seguintes:

- . A semelhança das línguas em contacto (português/francês) permite, em geral, uma passagem fluida de uma a outra língua, sem quebre das regras sintácticas.
- . As alternâncias no discurso bilingue têm simultaneamente função deíctica e polifónica. Polifónica, por desdobrarem o ponto de vista do enunciador para designar o seu "mundo referencial" real ou imaginário (Pottier, 1987); deíctica por essas alternâncias exprimirem pontos de referência espaciais (França/Portugal) do mundo referencial designado (em relação à vivência do locutor).

Alternância em português, no interior de uma sequência de extensão variável em francês.

A apresentação que se segue submete-se ao esquema acima adoptado : discussões consecutivas das lexias e das sequências.

Lexias

[12] Le souvenir que j'ai eu à (Serra da Estrela) pendant les grandes vacances...

[13] Comme ma future tante dansait "le rancho", à l'entrée, nous passâmes tous sous une banderole.

[14] J'habite dans le Nord et ça s'appelle MINHO. Pendant les vacances on va à la plage.

[15] Après avoir traversé uma estrada, on se trouve à la plage.

(16) Je suis parti à la gare et je suis arrivé le lendemain à 9h na estação de Pombal.

(17) ... aucune scolarité em Portugal

(18 a) Un jour j'ai su qu'il y avait un tournoi de football entre os portugueses e os estrangeiros et (18 b) ce fut l'équipe dos portugueses qui ont gagné.

Regras. Tal como nas alternâncias em francês, as lexias portuguesas em alternância seguem as mesmas regras de combinação que as lexias equivalentes em francês. São introduzidas isoladamente (ex. 12,13,14) ou inseridas no seu sintagma imediato (v.determinantes, preposição) (ex. 15,16,17,18).

Se a alternância está assinalada graficamente, podem ser utilizados três processos com essa finalidade de assinalização: parêntesis (ex. 12), aspas (ex.13), maiúsculas (ex.14). Foi aliás o processo gráfico utilizado que nos conduziu a considerar os substantivos próprios dos ex. 12 e 14 (Serra da Estrela e Minho) como alternâncias. Um outro critério utilizado para considerar o substantivo próprio como constituindo uma **alternância** é um critério sintagmático (por ex. a presença de uma preposição portuguesa: v. ex. 17 "em Portugal"). Note-se também que a alternância "balizada" pelas aspas "le rancho" inclui o determinante em francês. Se se considerar a intencionalidade do enunciador da qual as aspas são um índice, poder-se-á dizer que há uma dupla alternância: alternância em francês, no interior de uma alternância em português.

A identidade gráfica de certos elementos nas duas línguas (v. ex. 18, "entre") levanta (num texto escrito) um problema de delimitação de fronteira para a alternância.

Funções. Todas as lexias em alternância de que fizemos o levantamento, designam referentes situados em Portugal. Ao lado dos substantivos próprios, os substantivos comuns escolhidos em português correspondem a um alto grau de adequação do signo ao referente, em situação. Alternando as línguas, o enunciador muda de ponto de vista e identifica-se, quer a uma quer a outra das duas comunidades linguísticas a que pertence. Tal como no respeitante à alternância em francês, a alternância em português está ligada a uma função discursiva, que é simultaneamente deíctica e polifónica.

Sequências

(19) Nous nous sommes perdus ... et nous sommes allés atterrir à Serra da Estrela, aquelas águas a correrem pela qual⁽⁷⁾ rochas abaixo a água chthoniqueva⁽⁸⁾ tudo e fazia como se fosse um rio muito grande. Et puis toute ma famille était étonnée.

(20 a) Ma mère essayait de m'emmener vers les vagues mais moi je criais "não, não, não quero ir" et à chaque fois que ma mère essayait je criais. (20 b) c'est seulement il y a deux ans no Algerve na casa duns amigos. Comme la mer était basse là-bas ...

(21) Ma mère voyait (mon père) t'en^o triste.

(22) Les sentiments que j'ai envers la langue portugaise et la langue française c'est o gosto da língua portuguesa porque é a língua do meu país natal.

(23) (Todo o texto é em francês excepto um longo parágrafo:) Todos os anos antes de me vir embora choro lágrimas de sangue. Nas pedras deixo sinais ...

Regras. As sequências em alternância em português do nosso corpus são em geral mais extensas do que as sequências em alternância em francês. Trata-se, na maior parte dos casos, de enunciados complexos inseridos a seguir a um princípio de frase em francês, sem que as regras sintácticas sejam quebradas por essa alternância (ex. 19, 20 a, 22). Os enunciados complexos em alternância podem constituir um parágrafo inteiro, no interior de um texto em francês (ex. 23).

Os ex. 20 e 21, em que as sequências são mais curtas, aproximam-se, pela sua extensão da maior parte das alternâncias em francês (v. acima).

Notem-se as aspas do ex. 20a: podem assinalizar a alternância de códigos ou o discurso directo.

Funções. Do ponto de vista do conteúdo, podemos agrupar, por um lado, as alternâncias que correspondem a descrições (ex. 19 e 20b), por outro, as alternâncias que correspondem à expressão de sentimentos (ex. 20a, 21, 23 e, em certa medida, 22). É necessário no entanto fazer notar que as descrições não estão despojadas de subjectividade. Muito pelo contrário, pois reenviam a situações vividas em Portugal pelo enunciador e que não foram esquecidas.

A alternância é em si mesma um índice discursivo da subjectividade enunciativa subjacente à descrição.

Os sentimentos expressos pelas alternâncias são associados a momentos excepcionais da vida do enunciador (ex. 20a: medo face às ondas em Portugal; ex. 23: pena devido à partida de Portugal) ou de seus pais (ex. 21 - N.B. o advérbio português "tão" é transcrito "t'en", próximo ao mesmo tempo da pronúncia possível em português e duma sequência gráfica francesa).

Como as alternâncias em francês, as alternâncias em português têm uma função deíctica (vivência pessoal em Portugal/em França) e polifónica (pontos de vista do enunciador em relação à comunidade linguística portuguesa ou francesa). A isto se acrescenta, no caso das alternâncias em português, uma aproximação enunciativa do enunciador em relação

ao conteúdo do seu discurso

1.2.2. Mistura de códigos

Como já foi mencionado, os casos de mistura nos enunciados em português são muito mais frequentes no corpus do que os casos de mistura em francês (81.9% VS 18%).

Não nos é possível, no âmbito deste trabalho, apresentar uma análise exaustiva dos casos de que fizemos o levantamento. Decidimos apresentar todos os tipos de mistura, sendo cada um ilustrado por um exemplo. Após a apresentação de diferentes tipos de mistura levantados em francês e em português, proceder-se-á a uma comparação entre as duas línguas.

Misturas em francês.

Cada apresentação de um tipo de mistura será precedido de um ou dois exemplos que o ilustram.

[24] (Nous) repartons vers le camp

Léxico. O ex. 24 ilustra um caso típico de integração lexical. "campagne" ou "champs" teriam sido as palavras possíveis em francês: "campo" ou "campos" em português. O acesso lexical (cf. Lüdi, 1985; Alber & Oesch-Serra, 1987) faz-se por intermédio do lexema comum camp-. A esta base lexical junta-se o gramema de plural -s-, comum às duas línguas. O determinante em francês, no singular ("le"), sugere a interpretação "o campo" ("la campagne"). Este exemplo põe em relevo a importância das combinações léxico - sintáticas. Com efeito, tem de se ter em conta o transfert do sintagma nominal (e não só do substantivo) para analisar o resultado desta justaposição.

[25] J'ai demandé à ma mère pour aller en chercher une.

Relator ligado ao verbo. Este tipo de mistura é aqui ilustrado pelo ex. 25. Ao francês "demander de" corresponde em português a construção "pedir para". O sentido de "finalidade" do relator português "para" é introduzido em francês por intermédio de "pour" que assim substitui "de". Trata-se portanto da transposição de um sema ["finalidade", neste exemplo] presente na combinatória em português e ausente na combinatória equivalente em francês, através de um relator francês contendo esse mesmo sema ("pour").

[26] Je n'ai pas - copains.

Determinante. O ex. 26 apresenta uma mistura de marcas ao nível do determinante. O determinante francês "de" (em "je n'ai pas de copains") sofre uma mudança sob a influência do português ("não tenho companheiros") em que há ausência de determinante. Esta ausência que caracteriza o português quando se trata de um genérico ou quando há "ambiguidade" devido as duas possibilidades de interpretação "genérico" VS. "específico" (cf. Pottier, 1987, p.177,

é transferida para o enunciado em francês.

(27) On était parti au midi

(28) J'ai appris le portugais en Portugal.

Relator (preposição) e Determinante. Os ex. 27 e 28 levantam o problema da escolha da preposição e da presença ou ausência do artigo. No primeiro caso, as preposições em francês e em português são equivalentes: "à" / "a", enquanto para exprimir a hora, em francês, o artigo está ausente, em português, o artigo está presente ("à midi" / "ao meio dia").

A equivalência das preposições (e a sua possibilidade de contracção com o artigo masculino) facilita o transfert do artigo em francês. No ex. 28, a preposição "en" em vez de "à" provém do emprego de "em" em português, preposição muito próxima, do ponto de vista do sentido e da forma, de "en".

Quanto ao artigo, ao inverso do ex. 27, antes do nome próprio designando um país está ausente em português, enquanto em francês o artigo está presente. Esta regra do português acompanha o transfert da preposição em francês.

(29) Il n'y avait pas beaucoup d'eau, mais maintenant il y a beaucoup.

Anafórico . Um outro caso de presença de marca (em francês) e de ausência (em português) está ilustrado pelo anafórico "en", que, em francês, exprime uma retomada parcial de conteúdo semântico do elemento com o qual está em relação. A regra de ausência de marcador anafórico do português é transferida para o enunciado francês : il y a beaucoup (fr. "il y en a beaucoup": port. "há muita").

(30) Je devrais m'exprimer beaucoup plus en portugais de que d'habitude.

Comparativo. A propósito do ex. 30, lembremos antes do mais que a morfologia da comparação nas duas línguas é muito próxima no que respeita o segundo morfema do comparativo de superioridade (ou inferioridade) (fr. "que" / port. "do que"), tanto mais que em português se omite frequentemente o primeiro elemento da sequência "(do) que", de que só se pronuncia (quando não se elimina) o som consonântico. Esta maneira de pronunciar explicaria "de que" em vez de "do que": a proximidade morfológica e semântica estaria na base desta mistura de morfemas.

Misturas em português

Como para as misturas em francês, a apresentação de cada tipo de mistura segue o ou os exemplos utilizados para a ilustrar.

(31) ... aquelas águas a correrem pela qual rochas abaixo a água chtorriquava tudo e fazia como se fosse um rio muito grande (cf. Ex. 18).

(32) ... a natura ...

(33) ... vinham de chegar ...

(34) era a noite

(35) e de mesmo

Léxico. os ex. 31 e 32 permitem analisar dois processos de integração lexical: o primeiro baseia-se na escolha do lexema francês, o segundo no lexema comum às duas línguas. Há, em ambos os casos, adaptação à morfologia do português.

"Ch'torniquava"⁽¹⁰⁾ é o resultado do empréstimo do lexema francês de "tourniquer" acompanhado de uma dupla adaptação ao português, fonética ("ch-" em princípio de palavra) e morfológica ("-ava"). O resultado desta mistura sugere uma onomatopeia. Note-se que a transposição morfológica seguiu a regra geral de equivalência da morfologia verbal (verbos franceses do 1º grupo em -er / verbos portugueses do mesmo grupo em -ar). Quanto a "nature" o lexema é comum a "nature" (fr.) e "natureza" (port.); a adaptação faz-se ao nível de terminação.

Os ex. 33, 34 e 35 patenteariam expressões, empréstimos do francês, adaptadas à morfologia portuguesa:

. ex. 33. uma lexia verbal cujo verbo do auxiliar francês é transposto em português ["venir de -" / "vir de-"]: assim, "vinham de chegar" (em vez de "acabam de chegar") foi construída a partir de "ils venaient d'arriver"

. ex. 34. uma expressão fazendo parte de um paradigma quase idêntico nas duas línguas, diferenciando-se pela presença do determinante em francês e sua ausência em português ("intuito" (fr. "visée") específico em francês VS "intuito" genérico em português): "era a noite" (fr. "c'était la nuit") em vez de "era noite":

. ex. 35. uma expressão com função de relator, empréstimo do francês e adaptada ao português: "de mesmo" (fr. "de même") em vez de "do mesmo modo" ou "a mesma coisa".

(36) Tive uma interrupção para vir em França.

Relator ligado ao verbo. A escolha do relator ligado ao verbo "vir" ("venir") segue um processo semelhante ao que acima foi apresentado e comentado a propósito do ex. 25. O tema "interioridade", elemento de sentido do conteúdo semântico do relator francês "en", não entra em linha de conta no conteúdo semântico do relator português "para", que significa "directão para". A justaposição consiste portanto em transportar o elemento de sentido "interioridade" do relator francês e em exprimi-lo pelo relator que também tem esse sentido em português, não obedecendo no entanto, este relator, às mesmas regras combinatórias semântico-sintáticas a que obedece o relator francês.

Note-se também a proximidade morfológica dos relatores "en" (fr.) / "em" (port.).

(37) O país maravilhoso que é o Portugal ...

(38) O que faz rir __ meus camaradas ...

Determinante. A presença de um determinante antes do substantivo próprio^{11} designando um país é a regra geral em francês, enquanto em português não o é. No ex. 37, a presença do determinante "o" (fr. "le") antes de "Portugal": inaceitável em português, é o resultado de uma transposição da regra francesa (le Portugal).

Pelo contrário, o ex. 38 ilustra um caso inverso: presença do artigo definido no português europeu ("intuíto" (fr. "visée") específico) antes do determinante possessivo, enquanto em francês está ausente. Foi esta regra do francês que foi aplicada em português: "meus camaradas" (fr. "mes camarades") em vez de "os meus camaradas".

[39] (recordação) Não sei a qual escrever.

Anafórico. O exemplo escolhido põe em relevo um processo de empréstimo do pronome francês "lequel" (precedido do determinante). A adaptação que este empréstimo sofre tem em conta o género da palavra (em português) retomado anaforicamente (feminino, em português, enquanto em francês é masculino).

[40] Gosto tanto deles (dos franceses) quos portugueses.

Comparativo. Tal como se notou a propósito do ex. 30 (mistura em francês), a morfologia dos comparativos é próxima nas duas línguas. No ex. 40, trata-se do comparativo de igualdade. Em vez de "gosto tanto deles como dos portugueses", o locutor escreveu "gosto tanto deles quos portugueses". A mistura produziu-se ao nível do segundo morfema da comparação: "que" em vez de "como". Este morfema contraiu-se por sua vez com o artigo (o que corresponde a uma pronúncia relaxada em português).

Uma outra mistura se processa: "gosto os portugueses" (sem preposição como em francês "j'aime les portugais") em vez de "gosto dos portugueses". Note-se contudo que, neste exemplo, o primeiro complemento está precedido da preposição "de", segundo as regras do português.

[41] Quando me disserent

Morfologia Verbal. "Disserent" em vez de "disseram" apresenta uma forma verbal portuguesa cujo morfema de pessoa é francês.

[42] Tudo isso é lembranças

Acordo. O exemplo apresenta um caso em que o acordo não é necessariamente idêntico nas duas línguas. Em português, o verbo concorda obrigatoriamente com o segundo termo da relação atributiva ("lembranças", no plural), enquanto em francês, o acordo se faz frequentemente, num registo familiar, com o primeiro termo ("tout cela, c'est").

Comparação misturas em francês - misturas em português.

A luz das análises apresentadas ilustrando os diferentes tipos de mistura encontra-

dos no corpus recolhido, proceder-se-á, sinteticamente, a uma comparação entre as misturas nas duas línguas.

Apesar da diferença quantitativa (misturas em francês :18% - misturas em português 81,9%) - que pode explicar a maior variedade de casos em português - encontram-se as mesmas categorias de mistura nas duas línguas: léxico, relatores (preposições), determinantes, anafóricos, comparativos. Dois outros tipos há que só se encontram no corpus das misturas em português: morfologia verbal e acordo (em relação atributiva).

Misturas em Português e em francês

. As misturas de léxico fazem-se quer ao nível do lexema (sobretudo em português) quer ao nível dos gramemas (v. ex. 24, 31,32,33,34,35).

. A transposição de relatores corresponde, como já foi sublinhado, a uma mudança de "intuito" (fr."vis-à") ("interioridade" VS "d direcção para", v. acima) (v. ex. 25,27,28,36).

. A mistura dos determinantes levanta o problema do tratamento diferente, segundo as línguas, do eixo específico vs. genérico (e, assim, do grau de ambiguidade possível) (v.ex. 26,27,28,37).

As regras de explicitação das relações anafóricas (grau de explicitação mais elevado em francês) são também objecto de misturas nas duas línguas (v.ex. 29,39).

. A morfologia do segundo termo do comparativo é transferida para a outra língua e adaptada. (v.ex. 30,40).

Misturas unicamente em português

. A mistura de morfologia verbal verificou-se ao nível das terminações (v.ex. 41).

O acordo numa relação atributiva faz-se segundo as regras do francês familiar (v. ex. 42).

Assim, segundo os resultados do estudo quantitativo e qualitativo das misturas, nos textos estudados, a língua que sofre misturas em maior número e variedade é o português.

2 CONCLUSÃO

Seria interessante alargar o estudo sobre a alternância e a mistura de códigos, aqui efectuada a partir de um corpus escrito, recolhido em meio escolar francês, a outros tipos de corpus (nomeadamente escrito "espontâneo" e oral), para assim examinar a generalidade das conclusões.

Os resultados obtidos permitiram, com efeito, delimitar um certo número de tendências e regularidades que vão no mesmo sentido dos resultados de outros estudos (cf. por ex. Alber & Desch-Serra, 1987; Cadiot, 1987; Dabène, 1987; Dabène & Billiez, 1985; Franceschini, Desch-Serra & Py, 1989/1990; Grosjean, 1982, 1987; Lüdi, 1985; Lüdi & Py, 1986).

A heterogeneidade linguística das marcas transcódicas analisadas provém de uma competência linguística bilingue "global, única e específica" (Grosjean, 1987,p.31). O estudo

de dados aparentemente heterogêneos revelou contudo regularidades, sejam elas regras de combinação ou funções discursivas.

A análise das regras de alternância de códigos permite sublinhar a passagem fluida de uma língua à outra, sem quebra de regras sintáticas, qualquer que seja a extensão da sequência (cf. semelhança das línguas em contacto): a análise da mistura permitiu isolar diferentes tipos de mistura, dos quais a maior parte é comum às duas línguas.

A análise das funções discursivas da alternância das duas línguas põe em relevo duas funções principais, intimamente ligadas: a função deíctica (reenvio espacial Portugal/França, em relação à vivência pessoal do enunciador) e a função polifónica (expressão de diferentes "vozes" segundo o ponto de vista do enunciador que se situa, quer em relação à comunidade linguística portuguesa, quer em relação à comunidade linguística francesa). As alternâncias em português revelam-se sobretudo ligadas a uma aproximação do enunciador ao conteúdo referencial do seu discurso, enquanto as alternâncias em francês se ligam a uma distanciação enunciativa (cf. Carreira, 1989, 1990).

Lembremos que os resultados quantitativos da alternância são muito próximos relativamente aos dois grupos de textos (língua de base: francês ou português), ainda que as alternâncias em português sejam mais numerosas. Pelo contrário, as misturas do francês nos textos em português são mais numerosas e variadas do que as misturas de português em francês. Estes resultados quantitativos devem certamente ser postos em relação com a situação de recolha de dados (em meio escolar francês, a partir de instruções escritas enunciadas em francês). No entanto, pode formular-se a hipótese segundo a qual reflectem a importância do papel que desempenha o meio escolar na aquisição da língua (portuguesa/francesa). Com efeito, para os adolescentes portugueses escolarizados em França, o português está menos fortemente ligado a uma aprendizagem formal do que o francês. A consciência normativa exercer-se-ia portanto de um modo diferente: mais fraca em português - não impediria a integração e a adaptação de elementos em francês; mais forte em francês - constituiria uma barreira (mais ou menos estanque) às misturas.

Sublinhe-se, para concluir, o interesse do estudo das marcas transcódicas dos discursos bilingues para os estudos linguísticos. O estudo da gama de variedades, abrangendo duas línguas, permite pôr mais nitidamente em relevo:

- . A articulação de diferentes registos e suas funções discursivas;
- . As regras de funcionamento lexical e semântico-sintáctico de cada língua em contacto.

NOTAS

1. A "classe de 6^e" (sixième) corresponde ao primeiro ano de ensino, após os 5 anos do ensino primário ("élémentaire"). A contagem é decrescente.
2. Os enunciados são transcritos eliminando os erros ortográficos, pois não são pertinentes para a análise que apresentamos.
3. Lexia: "toute séquence lexicale mémorisée" (Pottier, 1988/89).
4. "A linguistic repertoire consisting of a series of functionally related codes" (Gumperz, 1972, p. 149) V também Alber & Oesch-Serra (1987), Gardner-Chloros (1983)
5. "Le nom-en-propre est totalement déterminé dans l'intentionnalité linguistique (même si les référents peuvent être multiples) Toronto Le nom-en-commun est un signe recouvrant une classe de conceptualisation: chien." (Pottier, 1987, p. 175)
6. É impossível determinar com exactidão onde termina a alternância, se antes se depois de "1"
7. O locutor deveria ter escrito "por aquelas"
8. O locutor deveria ter escrito "salpicava"
9. O locutor deveria ter escrito "taõ"
10. No contexto deste enunciado, dir-se-ia "salpicava" em português e "giclait" em francês.
11. "Les déterminants-articles vont ... tout naturellement se greffer sur [les noms communs]. Ce n'est que dans la mesure où les LOUIS se multiplieraient qu'ils deviendraient "communs", et donc susceptibles de recevoir une détermination." (Pottier, 1987, p. 175)

BIBLIOGRAFIA

- Alber, J.-L., & Oesch-Serra, C. Aspects fonctionnels des marques transcodiques et dynamique d'interaction en situation d'enquête. In G. Lüdi (Ed.), Devenir bilingue - parler bilingue. Tübingen: Niemeyer, 1987.
- Cadiot, P. Les mélanges de langue. In G. Vermès & J. Boutet (Eds.), France, pays multilingue. Tome 2. Pratiques des langues en France. Paris: L'Harmattan, 1987.
- Carreira, M. H. Araújo, Langue maternelle et langue du pays d'accueil: une étude conduite auprès d'adolescents portugais scolarisés en France. Comunicação apresentada ao "Fourth International Conference on Minority Languages", Ljouwert (Países-Baixos), 20-24 de Junho de 1989.
- Carreira, M. H. Araújo. Discours bilingues dans un contexte d'immigration (adolescents portugais scolarisés en France). 1990. (Contrastes, a publicar)
- Dabène, L. Caractères spécifiques du bilinguisme et représentations des pratiques langagières des jeunes issus de l'immigration en France. In G. Lüdi (Ed.), Devenir bilingue - parler bilingue. Tübingen: Niemeyer, 1987.
- Dabène, L., & Billiez, J. Code-switching in the speech of adolescents born of immigrant parents. SSLA, 1986, 8, 309-325.
- Ducrot, O. Le dire et le dit. Paris: Minuit, 1984.
- Fishman, J. A. Who speaks what language to whom and when? La Linguistique, 1965, 2, 67-68.
- Franceschini, R., Oesch-Serra, C., & Py, B. Contacts de langue en Suisse: Ruptures et reconstructions discursives du sens en situation de migration. Langage et Société. N° spécial "L'acquisition des langues dans la migration", 1989/1990, n° 50-51.
- Gardner-Chloros, P. Code-switching: approches principales et perspectives. La Linguistique, 1983, 19, 21-53.
- Grosjean, F. Life with two languages. An introduction to bilingualism. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1982.
- Grosjean, F. Vers une psycholinguistique expérimentale du parler bilingue. In G. Lüdi (Ed.), Devenir bilingue - parler bilingue. Tübingen: Niemeyer, 1987.
- Gumperz, J. J. The communicative competence of bilinguals: Some hypotheses and suggestions for research. Language in Society, 1972, 1, 143-154.
- Gumperz, J. J. The sociolinguistic significance of conversational code-switching. In J. C. Gumperz & J. J. Gumperz (Eds.), Papers on language and context. Berkeley, CA.: University of California, 1976.
- Gumperz, J. J. Discourse strategies. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.
- Hamers, J., & Blanc, M. Bilinguisme et bilinguisme. Bruxelles: Mardaga, 1983.
- Lüdi, G. Aspects lexicaux du parler bilingue. L'exemple de migrants suisses-alsémaniques à Neuchâtel. In Contacts de langues - Discours oral. Actes du XVIIème Congrès International de Linguistique et Philologie Romanes, Aix-en-Provence, 29 août - 3 septembre 1983. Aix-en-Provence: Publications Université de Provence, 1985.

- Lüdi, G. **Présentation. Les marques transcodiques : regards nouveaux sur le bilinguisme.** In G. Lüdi (Ed.), Devenir bilingue - parler bilingue. Tübingen: Niemeyer, 1987.
- Lüdi, G., & Py, B. **Etre bilingue**. Bern: Peter Lang, 1986.
- Poplack, S. **Sometimes I'll start a sentence in Spanish / termino en español: toward a typology of code-switching.** In J. Amastal & L. Elias-Olivares (Eds.), Spanish in the United States: sociolinguistic aspects. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.
- Poplack, S. **Conséquences linguistiques du contact des langues: un modèle d'analyse variationniste.** Langage et Société, 1988, 43, 23-48.
- Pottier, B. Théorie et analyse en linguistique. Paris: Hachette, 1987.
- Pottier, B. Séminaire (não publicado). Paris: Université Paris IV, 1989-1990.